

A PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL A PARTIR DAS OBRAS DE LEANDRO GOMES DE BARROS

Thiago Acácio Raposo¹

José Rodrigues Filho²

Orientadora: Rosilene Alves de Melo³

RESUMO

O poeta Leandro Gomes de Barros começou a escrever seus primeiros poemas a partir do ano de 1889, e a imprimi-los quatro anos depois, no ano de 1893. Entre os mais diversos temas abordados por ele está um evento que causava grande tensão em todo mundo, a Primeira Guerra Mundial. Não sendo registrado somente pelos meios oficiais de divulgação (a exemplo do jornal), esse acontecimento não passou despercebido do olhar atento dos poetas “populares” através dos seus poemas em folhetos. O cordelista foi um desses atentos observadores a tudo que acontecia no Brasil e na Europa, registrando através dos seus poemas o conflito armado. Esta comunicação propõe uma breve reflexão sobre a maneira com que a Primeira Guerra Mundial é relatada nas obras do poeta já citado, entendendo a funcionalidade do cordel enquanto jornal “popular”, capaz de alcançar um público não-letrado, mas que estava atento as leituras coletivas dos versos. Para tanto, partiremos dá uma análise de três folhetos escritos pelo poeta, são eles: *Echos da Patria - O torpedeamento do vapor Macáu* (publicado entre 1917 e 1918), *O tempo de hoje - O sorteio militar* (1918), *A Alemanha Vencida e humilhada - Victoria dos Aliados - Os horrores da Influenza Hespanhola* (1918). Utilizaremos como referencial teórico Roger Chartier, Micheal de Certeau e a historiografia referente ao tema.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura de cordel. Leandro Gomes de Barros. Primeira Guerra Mundial.

LEANDRO GOMES DE BARROS E A LITERATURA DE CORDEL

A literatura de cordel, como chamamos hoje, nem sempre recebeu essa nomenclatura. Como nos apresenta Regina Horta Duarte no prefácio da obra *A Feira dos mitos* (2013), de autoria de Durval Muniz de Albuquerque Junior, o Folheto de Feira nordestino terá sua nomenclatura modificada pelos estudiosos folcloristas das décadas de 1960 e 1970, que interessados em construir um elo de ligação entre a literatura popular e o cordel português.

Marcia Abreu (1999) desenvolve uma desconstrução acerca das teses da origem lusa do cordel nordestino. Segundo a autora, o cordel nordestino se diferencia da

¹ Autor. Graduando em História pela Universidade Estadual da Paraíba, campus de Campina Grande (UEPB).

² Coautor. Graduando em História pela Universidade Federal de Campina Grande, campus de Cajazeiras (UFMG/CFP).

³ Professora doutora da Universidade Federal de Campina Grande, campus de Cajazeiras (UFMG/CFP). Unidade Acadêmica de Ciências Sociais (UACS).

produção lusa, no momento em que este primeiro é provido de uma série de sistematizações e regras construídos e instituídos pelos próprios poetas da geração prima⁴. Dentre os principais autores da literatura de cordel, destacamos Leandro Gomes de Barros que além de ser o alvo de nossas análises é considerado por muitos autores, a exemplo de Aderaldo Luciano (2012) e a própria Marcia, como o patrono da literatura de cordel.

Leandro Gomes nasceu no sítio Melancia, no município de Pombal - PB, em 19 de novembro de 1865 e faleceu no Recife - PE em 4 de março de 1918. Segundo Átila de Almeida e José Alves Sobrinho (1978), Leandro foi um

[...] poeta popular, Talvez o primeiro, caso não caiba a Pirauá o pioneirismo, que publicou estórias versadas em folhetos. Provavelmente na última década do século passado, em vitória de Santo Antão ou Jaboatão, quando já residia em Pernambuco, tenha Leandro publicado seus Primeiros folhetos. Durante o tempo em que residiu na Paraíba (até 1880 em Teixeira) imperavam no sertão e na zona brejeira desse Estado cantadores e glosadores do porte de Mufumbão, Romano Caluête (ou Mãe d'Água), Bernardo Nogueira [...]. Teixeira era o centro sertanejo da poesia popular e foi lá que Leandro viveu até os quinze anos. De lá levou o fermento para Pernambuco quando sua família se mudou para Vitória de Santa Antão. (p. 77-78)

Segundo Átila de Almeida e José Alves Sobrinho (1978), Leandro nascera e crescera em meio a uma ebulição artística e cultural, marcada pela presença marcante dos cantadores e glosadores. Aderaldo Luciano afirma que Leandro não foi o primeiro a transcrever os versos cantados pelos violeiros, cabendo isso a Pirauá, mas foi o primeiro a sistematizar essa literatura, dando um aspecto de singularidade para com as produções anteriores e com a própria produção lusa.

Michel de Certeau (1996) nos apresenta o conceito de *economia escriturística*, onde a oralidade é, aos poucos, substituída pela escrita. Entretanto, essa substituição da oralidade pela escrita não implica na aniquilação desta primeira, muito pelo contrário, ambas convivem sobre o mesmo espaço de tempo e muitas vezes interagem entre si. Cabe aqui percebermos que os versos improvisados ou ensaiados, emergidos nos embates travados entre os violeiros ou cantadores, tiveram seu espaço modificado com a transfusão destes para a cultura escrita.

⁴ ABREU, Marcia. **Histórias de cordéis e folhetos**. – Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1999 – (Coleção Histórias de Leitura).

A literatura de cordel, como entendemos hoje, nasce de uma ebulição artística e cultural. Mesclaram-se elementos da literatura lusa e da oralidade com uma “pitada” da originalidade de Leandro, surgindo assim uma literatura “popular”.

O cordel assume um papel importantíssimo em meio a uma sociedade composta, majoritariamente, por pessoas analfabetas ou semi-analfabetas, pois, funcionava em diversos momentos como um *jornal popular*, como nos apresenta o pesquisador Mark Curran (1998). Segundo este autor, o cordelista lia as informações transmitidas pelos principais veículos de comunicação oficiais – no nosso caso, o jornal – e transcrevia em forma de versos às notícias mais importantes.

Para melhor compreender a transmissão de conhecimento de um meio para outros, podemos citar Roger Chartier (2002) quando analisa os “livros azuis”⁵, publicados na França entre os séculos XVI e XVII. Segundo o autor, esses livros eram reedições de publicações direcionadas a um público “elitista”, tendo em vista o seu alto custo. Alguns livros eram resumidos e outros tinham parágrafos inteiros apagados. Essas edições eram feitas com o intuito de baratear os custos dos livros e de tornar a leitura mais fácil para o novo público.

Podemos supor que muitos cordéis, assim como os “livros azuis”, foram produzidos através de edições ou reedições de outros veículos de informação (jornais, revistas, livros, entre outros). Dessa forma, as informações produzidas para circular em determinado espaço⁶, são desviadas para outros espaços. O poeta, nesse sentido, tem o papel de recodificar as informações do espaço “elitista”, para o espaço “popular”.

Essa literatura se diferencia de qualquer outra pelo modo como é lido. A historiadora Rosilene Alves de Melo (2010) nos apresenta um dado interessante ao evidenciar que a literatura de cordel é pensada não para ser lida em uma individualidade – o que não implica que não o é/era feito – mas para ser lido em coletividade ou até cantado, quando fazemos referência ao gênero Romance. Ao ser lido em voz alta, o cordel atinge um público muito mais amplo, pois, até aqueles que não sabem ler contemplam atenciosos as histórias ou notícias fantásticas impressas naquelas folhas costuradas⁷.

⁵ Esse termo refere-se a livros de baixo custo vendidos na França entre o século XVI e XVII e que geralmente possuíam as capas azuis.

⁶ Produções direcionadas a um público com condições financeiras mais favoráveis a compra.

⁷MELO, Rosilene Alves de. **Arcanos do verso**: trajetórias da literatura de cordel. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010.

Tomando como pressuposto tudo o que já foi dito, iniciemos uma análise sobre as obras de Leandro acerca de um evento internacional extremamente importante: a **Primeira Guerra Mundial**. Vale destacar que as práticas de leitura podem ser localizadas e historicizadas, nesse sentido, pressupõe-se que os versos transmitiam para seus leitores uma “verdade” dos acontecimentos. Sem mais delongas, partamos para as análises:

O BRASIL ENTRA NA GUERRA: “ECHOS DA PATRIA - O TORPEDEAMENTO DO VAPOR MACÁU”

O cordel foi publicado entre 1917 e 1918⁸, possuindo 15 páginas e apresentando desenhos na capa, porém, pelo fato de ser uma cópia, fica inviabilizado o trabalho de análise imagética desta. A capa é composta por: nome do autor, título, subtítulo, propaganda de um distribuidor e nome da tipografia, contornados por molduras. A contracapa possui propagandas de outros títulos.

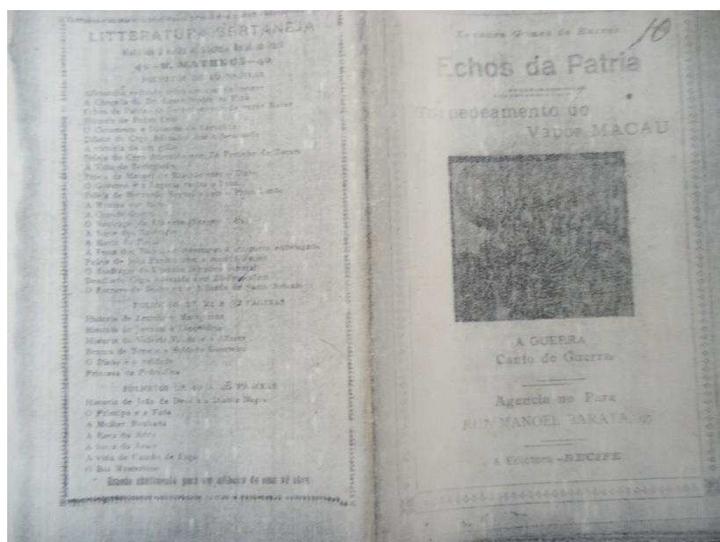


Figura 2: *Echos da Patria - O torpedeamento do vapor Macáu (1917 e 1918)*

O poeta inicia sua narrativa convocando a nação brasileira ao evocar a bravura e o patriotismo de seus filhos, lembrando os feitos da Guerra do Paraguai. Estes homens são capazes de morrer em campos de batalha, mas são incapazes de recuar perante o inimigo. Acompanhem as palavras do autor:

⁸ Chegamos a essa conclusão pelo fato de o Navio Macau ter sido torpedeado em 1917.

Despertaes filhos da Patria
Mostrae a vossa façanha,
Arriscaes o peito a balla
Ide morrer na campanha,
Um soldado brasileiro
Não rende preito a Allemanha

Um filho deste torrão
Que de berço me serviu,
Morre no campo da honra
Como em Paraguay se viu,
Mas brasileiro correr?
Quem disser isso mentiu. (p. 1)

Continua sua escrita elencando o fato de o brasileiro ser um povo justo, que trata todos muito bem. Entretanto, para aqueles que o afrontam e que são falsos para com ele, acaba por se tornar o pior de seus inimigos.

A Alemanha teria ofendido o povo brasileiro ao afundar a embarcação Macau, considerado pelo autor como a declaração de guerra contra o Brasil. O país europeu teria agido de má índole ao atacar o Macau, considerando que o Brasil estava mantendo, até então, uma neutralidade perante o conflito mundial.

Leandro tem a preocupação de embasar sua fala a partir do discurso oficial. Ele se apropria de um pronunciamento (ou apenas do nome importante) de Ruy Barbosa, que teria afirmado perante todo o senado que “Brazileiro faz sorrindo/ O que allemão faz chorando” (p.2). Fica evidente a necessidade de exaltar a figura do brasileiro, pois, segundo o autor, o Brasil não possui a mesma quantidade de armas e materiais bélicos que a Alemanha, entretanto, dispõe de armas mais poderosas: **o amor à pátria e coragem.**

Quatro navios brasileiros já haviam sido torpedeados pelos submarinos alemães, mas o Macau foi o ápice das tensões. Quando o Macau afundou, vários estados começaram a declarar guerra contra a nação europeia, iniciando uma campanha de mobilização nacional⁹ para pressionar o estado brasileiro a entrar no conflito. O cordelista continua sua narrativa afirmando que:

O Brazil logo a principio
Declarou neutralidade,
Julgou tambem que a Allemanha
Tivesse fidelidade,
E respeitasse o direito

⁹ Essa nacionalização do conflito internacional me faz refletir acerca do nascimento deste folheto. Será que este não nasceu como panfleto a favor da entrada do Brasil na guerra? Fica claro ao analisarmos esse folheto, que sim.

E a sua nacionalidade.

**Nós devíamos saber
A Alemanha quem é,
Um aborto da desgraça
Sem lei, sem forma, sem fé,
Tomou um barco dos nossos
Carregado com café. (p. 4)**

A nação alemã estaria marcada pela ausência de valores morais e que esta seria **um aborto da desgraça sem lei, sem forma, sem fé**. O Brasil havia sido traído pelos alemães, pois atacaram a surdina, sem nenhuma declaração oficial. Leandro considerou tal atitude imperdoável, propondo a restauração da honra, roubada no momento do torpedeamento do Macau, de qualquer forma. A honra deveria ser restaurada mesmo que fosse necessário utilizar as unhas e os dentes, pois um vapor brasileiro teria o valor de um império alemão.

O Brasil dissimulou
A traição e covardia,
Alemanha está pensando
Que nós não temos energia,
Agora fica sabendo
Que tem que chegar seu dia. (p.7)

Segundo o autor, o Brasil sempre fora um país hospitaleiro, recebendo muito bem todos os que vinham de fora, inclusive os alemães. E isso torna imperdoável o ataque ao navio desta “nação tão amável e hospitaleira”. Sendo ferido, o país hospitaleiro se transforma rapidamente em um “carniceiro” (p. 9).

Em meio à esta primeira análise aqui realizada, vê-se claramente, o apelo de Leandro aos valores morais e patrióticos, propondo uma comoção a partir de uma noção de pertencimento e de bravura. Dessa forma, cabe ao nosso poeta a atribuição de características negativas a nação europeia, construindo uma espécie de monstrosidade alemã. Temos de ter a convicção de que muitos acreditavam piamente nas notícias transmitidas pela literatura de cordel, assim como pelos veículos de comunicação oficial. Finalizo a análise deste cordel com a seguinte indagação: quais são as imagens atribuídas aos alemães, durante a Primeira Guerra Mundial, pelos consumidores da literatura de cordel? Continuemos com a análise do segundo cordel.

FRUTOS DO CONFLITO: “O TEMPO DE HOJE - O SORTEIO MILITAR”

O próximo cordel a ser analisado é composto por dois textos distintos, porém correlatos. Trata-se de **O tempo de hoje** e **O sorteio militar**, publicado em 1918 pela tipografia Popular Editora¹⁰ em sua filial na cidade de Guarabira. O folheto possui 16 páginas e sua capa é composta por: nome do autor, títulos, informações sobre direitos autorais sobre a obra, nome do editor, local e ano da publicação, contornados por molduras e não possuindo contracapa.



Figura 3: *O tempo de hoje - O sorteio militar* (1918)

A obra foi publicada posterior a morte de Leandro, ficando possível tal afirmação a partir da nota lançada na folha de rosto do cordel onde Pedro Batista, editor, explica o falecimento de Leandro e afirma sua posse sobre todas as obras do poeta morto. Nas palavras do editor:

Tendo falecido o poeta Leandro Gomes de Barros passou ao meu possuído a propriedade material de toda a sua obra litteraria. Só a mim pois cabe o direito de reprodução dos folhetos do dito poeta e acho-me habilitado a agir dentro da lei contra quem cometer o crime de reprodução de ditos folhetos. Previno às pessoas que negociam com folhetos que tenho em deposito todos os que o poeta escreveu e que vendo-os pelo preço de costume, dando boa comissão.

Pedro Batista

¹⁰ Tipografia cuja central funcionava na cidade de Parahyba, atual João Pessoa – PB, e pertencia aos irmãos Pedro Batista e Francisco das Chagas Batista, que por sinal eram cunhados de Leandro.

Guarabira, estado da Parahyba do Norte¹¹ em 30 de março de 1918¹²

Livraria do povo, rua 7 de setembro, nº 17

Na primeira parte do folheto, *O tempo de hoje*, o autor lança uma feroz crítica a pobreza e a carestia nascida como fruto do conflito mundial. O evento internacional repercutia na vida da população simples da Paraíba. Segundo Leandro:

Não ha quem suporte
Esta carestia
De noite e de dia
Se traqueja a sorte,
O povo do norte,
Está desarranjado,
Alem de roubado
Em peso e medida,
Alimenta a vida
Com feijão furado. (p. 7)

O aumento dos preços dos gêneros alimentícios é algo notório, fruto de um momento em que o Brasil exportava uma grande quantidade de alimentos para a Europa devastada pela guerra. Esse aumento da exportação proporcionou o aumento do custo de vida e a escassez de alimentos. O nosso poeta/repórter afirma que

Antes da guerra européa
Folgava a humanidade
Então só tinham sahida
As coisas de novidade,
Pão de um dia para o outro
Vendiam pela metade.

Agora hoje em dia
Ninguem aborrece
E nem endurece
Pão na padaria,
Pois tem freguesia
Que manda os comprar
E encomendar
Com mais brevidade
Guardar para tarde
O pão que boiar. (p. 8-9)

Antes de continuar a análise queremos lançar um questionamento acerca da autoria da primeira parte da obra: será mesmo que foi Leandro que escreveu o folheto? Os versos localizados sob o capítulo *O tempo de hoje* possuem uma escrita bastante

¹¹ Atual estado da Paraíba.

¹² Vinte e seis dias após a morte de Leandro Gomes de Barros.

distinta das encontradas em outras obras do autor e até mesmo da segunda parte do texto (*O sorteio militar*). Além da escrita, outra questão nos leva a questionar a autoria da obra: o texto indica como data de produção o dia 4 de março de 1918, ou seja, o dia da morte do autor. Isso soa um pouco estranho, mas continuemos, deixemos a análise de autoria para estudos futuros.

A segunda parte do folheto, *O sorteio Militar*, foi publicada pela primeira vez, segundo Pedro Batista, em 1906. Nesses versos uma série de críticas são lançadas ao governo, pois, segundo Leandro, apenas pobres e doentes estão sendo chamados para servirem as Forças Armadas, como fica evidente nos versos a seguir:

Alerta! rapaziada!
O tempo não está de graça
Moço, velho, cego e côcho
Tudo agora assente praça,
Bispo, e vigário colado
Vai tudo ao páo de fumaça. (p. 10)

Mas à frente aprofunda seu relato:

Eu viajei para o norte
E vi um pobre aleijado,
Me disse um visinho d'ele:
Aquelle está alistado.
Mas para que server aquillo?
Perguntei ao delegado.

Então ele respondeu-me
Esse não pode escapar,
Só anda de quatro pés
Mas contudo pode andar,
A pátria tem precisão
De alguém para rastejar. (p. 11)

Como se não bastasse o alistamento de pessoas com deficiências físicas, o governo também estaria convocando pessoas com problemas mentais:

Outro tem um filho doudo
Com uma perna cortada
Disse lhe o delegado
Você vai meu camarada,
Tem-se precisa de doudo
Que é pra atirar pedrada.

Disse o pai do doudo,
Que faz na guerra este tolo?
- Caiu-me na rede é peixe
E o que sahir vai no bolo,

Loucura não é defeito,
Ninguém briga com miolo. (p. 11, grifo meu)

Leandro Gomes de Barros utiliza de uma linguagem humorística para lançar críticas ao governo. Temos que ser perceptíveis ao fato de que muitos dos consumidores das obras do poeta acreditavam nas notícias transmitidas pelo folheto. Não seria estranho pensar que algumas pessoas realmente chegaram a acreditar que o governo estava alistando pessoas com deficiência.

O autor finaliza seu folheto ao elucidar as tristezas e os sofrimentos a que os pobres são submetidos, pois, apenas os pobres que sofriam com a questão do sorteio e com a seca. Os ricos estavam desfrutando os bens confiscados da população pobre. Partamos agora para o último cordel a ser analisado.

A GUERRA CHEGA AO FIM: “A ALLEMANHA VENCIDA E HUMILHADA - VICTORIA DOS ALLIADOS - OS HORRORES DA INFLUENZA HESPANHOLA”

O cordel foi publicado em 1918 e possui 16 páginas. Sua capa é composta por: nome do autor, título, subtítulo, informações sobre direitos autorais sobre a obra, nome do editor, local e ano da publicação, preço. A contracapa é composta pela divulgação de outras obras do autor, por um indicativo sobre onde poderiam ser adquiridos tais folhetos e por uma nota que anuncia o aumento do preço do cordel, motivado pelo aumento do preço do papel.

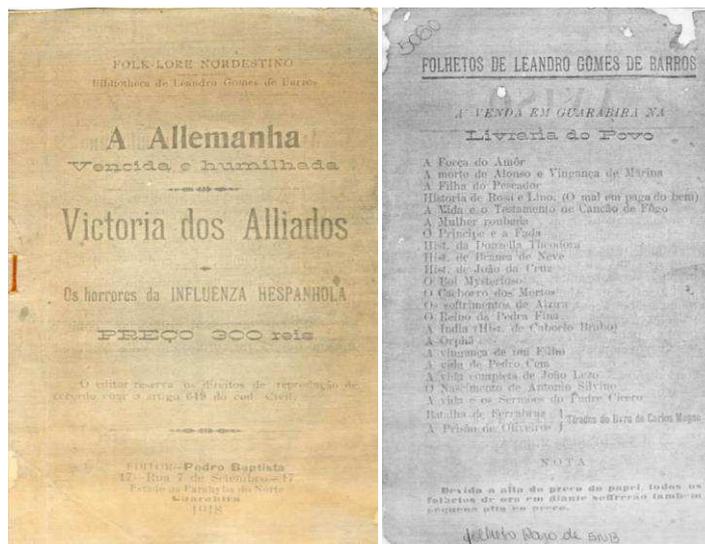


Figura 4: Capa e quarta capa do folheto, *A Alemanha Vencida e humilhada - Victoria dos Aliados - Os horrores da Influenza Hespanhola* (1918)

A folha de rosto do folheto possui a apresentação de um revendedor da tipografia Popular Editora atuante em Pernambuco. Trata-se de Eloy Baptista de Mendonça, cujo sobrenome já aponta um grau de parentesco para com os irmãos batista, donos da tipografia já citada.

Antes de iniciarmos a análise sobre a referida obra, cabe destacar que a Primeira Guerra mundial não havia chegado ao fim no momento em que Leandro escreveu tal folheto, tendo em vista que o armistício só foi assinado em novembro de 1918 e o nosso poeta faleceu em março desse mesmo ano. Entretanto, podemos supor que no início do ano citado, com a entrada dos norte-americanos na guerra, os rumos do conflito já estavam predefinidos.

O autor inicia seus versos apontando para a desastrosa derrota da Alemanha que estaria sendo castigada pelas forças divinas, devido as suas ambições, recorrendo ao nome de Padre Cícero Romão para fortalecer seu argumento, vejamos:

E' comprida a profecia
Do Padre Cicero Romão
Na matriz do Joazeiro
Dizendo a todo christão
Que a guerra findaria
Sedo vencido o allemão.¹³ (p.1)

Trata-se, evidentemente, de um recurso utilizado pelo poeta para legitimar a sua fala, tendo em vista todo o imaginário popular acerca da figura de Padre Cícero.

¹³ Foi feita uma pesquisa bibliográfica a fim de localizar tal afirmação por parte de Padre Cicero, entretanto, nada foi encontrado.

Ainda sobre o castigo lançado sobre a nação alemã:

Tudo que ella fez paga
Sem descontar um rial
Porque quatro annos e meio
Levou ella a fazer mal
E' bem justo agora pois
O seu castigo afinal. (p.2)

Tudo o que a Alemanha estava passando era, segundo o autor, um castigo contra toda a maldade praticada por ela durante a guerra. A exemplo dessa maldade, o poeta atribui a nação europeia a culpa pela morte de 40 milhões de pessoas, entre civis e militares. Toda a destruição teria sido motivada pela ambição do Kaiser.

O discurso alemão, sob a fala do poeta, é marcado pela soberba e pela mania de superioridade, embasadas sobre o potencial bélico dessa nação. Eles afirmavam dominar os mares (submarinos), a terra (exército) e o ar (zeppelins), não havendo ninguém tão poderoso quanto.

Logo após a exibição das “afrentas alemãs”, Leandro inicia uma narrativa acerca da invasão alemã a Bélgica. Os motivos para tal invasão podem ser encontrados na negação do rei belga sobre o pedido de passagem alemã por suas terras. Eles pretendiam usar esse caminho para invadir a França. A Bélgica lutou contra as tropas invasoras, entretanto foram derrotadas. Os versos a seguir são peculiares para entendermos esse processo:

Mandando pedir á Belgica
P'ra lhe consentir passar,
A Belgica, amiga da França.
Licença não quis lhe dar,
A Allemanha disse: passo
Custe agora o que custar

Disse ali o rei Alberto:
Pode a Allemanha passar
Quando eu não tiver nem um
Soldado para lutar:
Há de matar-me primeira
Prá depois atravessar.
E cerrou-se o tiroteiro,
Entra soldado a morrer,
A água do rio Mósá
Não se podia beber,
Quando cavava-se o chão
Via-se o sangue a verter (p.11 -12)

Mais adiante, o poeta apresenta a ofensiva alemã realizada sobre dois vapores, onde um submarino destroi rapidamente a embarcação que continha em sua maioria crianças abaixo de um ano de idade. No ataque, quarenta e trez pessoas haviam morrido (p.14). Leandro nos mostra diante disso a maldade alemã para com os seus adversarios, não poupando nem se quer as crianças. O vapor “Arabique” foi outra embarcação afundada pelo “malvados” alemães, o autor relata da seguinte maneira o desespero do ataque:

O vapor foi arrombado
Desde o casco até o forro,
O povo lançou-se nagua
Sem obter um socorro,
As mães gritavam: meu filho”
O filho: mããe, eu morro! (p. 15)

A figura da criança é um elemento recorrente levantado neste poema pelo poeta, essa artimanha buscava apresentar aos leitores o quão cruel a Alemanhã era. Finalizando o seu poema, Leandro anuncia o fim da guerra e apresenta um novo mal que ao mundo se apresentava. Se tratava de uma epidemia que atingira boa parte da Europa, trata-se da gripe espanhola, a qual surgiu conincidentemente com o fim da Primeira Guerra Mundial. Leandro pede orações a Deus por interceção do Padre Cícero, afim de que os mesmos possam livra o Brasil desta epidemia, como descreve o seguinte trecho:

Peçamos todos a Deus
E ao padre do Joazeiro
Para Livrar da Peste
O territorio brasileiro,
Que a guerra já se acabou,
Vai melhorar o mundo inteiro. (p.16)

CONCLUSÕES

Em meio às discussões aqui levantadas, pudemos observar como o poeta Leandro Gomes de Barros teve o papel de transmissor dos fatos da Primeira Guerra Mundial do meio “elitista” para o meio “popular”, tendo em vista que muito do que escrevia adquiria do jornal. Aproveitava seus folhetos ainda para levantar suas críticas sobre a pobreza e carestia que afetava os pobres. Se faz interessante observar também como o folheto de cordel tem a função de jornal “popular”, tendo em vista que muitos dos consumidores das obras do poeta acreditavam piamente nas notícias transmitidas

pelo folheto. Diante disso, não seria estranho pensar que algumas pessoas realmente chegaram a acreditar que o governo estava alistando pessoas com deficiência. Podemos compreender assim, a receptividade dos poemas aos leitores de cordel sobre a Primeira Guerra Mundial. Por fim, pudemos observar como o poeta faz uso de alguns elementos de seu cotidiano, como o imaginário popular acerca do padre Cícero, como recurso utilizado para legitimar a sua fala. Lembremos o caso da sua afirmação sobre a derrota da Alemanha, que teria sido anunciada em uma profecia do Padre Cícero na matriz da Igreja do Juazeiro.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Marcia. **Histórias de cordéis e folhetos**. – Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1999 – (Coleção Histórias de Leitura).
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A feira dos mitos: a fabricação do folclore e da cultura popular (nordeste – 1920-1950)**. Apresentação de Regina Horta Duarte. – São Paulo: Intermeios, 2013.
- ALMEIDA, Átila Augusto F. de; ALVES SOBRINHO, José. **Dicionário bibliográfico de repentistas e poetas de bancada**, 2 vols. João Pessoa: Editora Universitária-UFPB / Campina Grande: Centro de Ciências e Tecnologia-UFPB, 1978.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**; tradução de Ephraim Ferreira Alves. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. Tradução de Fúlvia M. L. Moretto. – São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- CURRAN, Mark J. **História do Brasil em Cordel**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.
- HATA, Luli. **O cordel das feiras às galerias**. 2000. 215 f. Dissertação (em Mestrado) Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP. 1999. Disponível em <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000199277>> Data de acesso: 24/02/2015.
- LUCIANO, Aderaldo. **Apontamentos para uma história crítica do cordel brasileiro**. Rio de Janeiro: Edições. Adaga – São Paulo: Editora Luzeiro, 2012. 96p.
- MAYA, Ivone da Silva Ramos. **O poeta de Cordel e a Primeira República: a voz visível do popular**. Rio de Janeiro: 2006.
- MELO, Rosilene Alves de. **Arcanos do verso: trajetórias da literatura de cordel**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010.
- TERRA, Rute Brito Lêmos. **Memória de lutas: literatura de folhetos do Nordeste (1892 a 1930)**. São Paulo: Global, 1983.
- Folhetos:**
- BARROS, Leandro Gomes. **Echos da Patria – Torpedamento do Vapor Macaú**. Recife: A Edictora, 1917-18.
- _____. **O Tempo de Hoje – O Sorteio Militar**. Guarabira: Tipografia Popular Editora, 1918.

_____. **A Alemanha vencida e humilhada** – Os Horrores da Influenza Hespânica.
Guarabira: Tipografia Popular Editora, 1918.